







Theatro de J. M. A. d'Araujo.

I.

DE LADRÃO A BARÃO.

II.

DEDICAÇÃO

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

Francisco Manoel Alvares d'Araujo.



RIO DE JANEIRO

Typographia — PERSEVERANCA — rua do Hospício n. 91.

1867.



Theatro de J. M. A. d'Araujo.

250

I.

DE LADRÃO A BARÃO.

II.

DEDICAÇÃO

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

Francisco Manuel Alvares d'Araujo.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.

1867.

DEDICAÇÃO.

AO EXM. SR. CONSELHEIRO

BERNARDO RIBEIRO DE CARVALHO.

PERSONAGENS.

Lacerda, negociante.....	32 annos.
Barros, empregado publico.....	24 annos.
Cardoso, proprietario.....	60 annos.
Silveira, negociante.....	30 annos.
Carvalho, empregado publico.....	25 annos.
Marianna, viuva.....	34 annos.
Clotilde, sua filha.....	18 annos.
Virginia, irmã de Marianna.....	50 annos.
Um creado.	

Convidados de ambos os sexos.

A acção passa-se no Rio de Janeiro.—Epocha, actualidade.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa uma sala mobiliada com elegancia e simplicidade.
Um piano. Ao levantar o panno, Clotilde está ao piano.

SCENA I.

CLOTILDE E MARIANNA.

MARIANNA.

Deixa o piano, Clotilde; nunca te ouvi tocar
tão mal. O que é que tanto te preocupa o es-
pirito?

CLOTILDE.

A mim, mamãe? Nada.

MARIANNA.

Vem cá, senta-te a meu lado; dá-me tuas mãos. Olhando-a fixamente. Então não tens cousa alguma que te preoccupa, que te torna pensativa e distrahida?

CLOTILDE.

Não tenho nada.... absolutamente nada.

MARIANNA.

Quero socorrer-te, quero ajudar-te, filha de minha'alma. Escuta; apezar de teres apenas dezoito annos, teu coração já fallou, sim?

CLOTILDE.

Mamãi.... asseguro que....

MARIANNA.

Não continues, Clotilde, porque vás faltar á verdade, porque vás dizer o contrario d'aquillo que sentes. Não queres dizer-me o que tens, não queres confiar-me teu segredo?

CLOTILDE.

Mas, mamãi....

MARIANNA.

Tu não sabes fingir, minha filha: o rubôr que ora te reveste o rosto e que tão bem te assenta, sobejamente me convence, de que penso

com acerto. Anda, querida, falla, que estou prompta a ouvir-te e aconselhar-te como mãi e como amiga: falla.

CLOTILDE.

Já lhe disse, mamãi, que não tenho segredo algum... Creia que...

MARIANNA.

Largando as mãos de Clotilde. E' de mais! Acaso pensas que facilmente se illude a vigilancia, o zelo e a sollicitude de uma mãi como eu, que consagrou toda sua existencia á educação de sua filha, que, como o jardineiro apaixonado que confia a semente á terra, vê rebentar a tenra plantinha, e seguindo-lhe com avidez o desenvolvimento, contempla o despontar do botão e fica cheio de enthusiasmo e arrebatamento ao vê-lo transformar-se em bella e odorifera flôr? Não, Clotilde, não se engana, nem se illude uma mãi, porque ella vê tudo que diz respeito a seus filhos com os olhos d'alma. Com ternura. Falla: eu t'o peço.

CLOTILDE.

Mas eu nada tenho que dizer... não tenho segredo...

MARIANNA.

Com severidade. Esta obstinação de tua parte

seriamente me incommoda. Por ventura terei de córar pelo que tens no coração? Seria demasiado horrivel! *Mudando de tom.* Minha filha, que melhor e mais fiel confidente queres tu do que tua propria mãe? Por Deus, falla; tira-me d'este martyrio em que estou. Vê que é tua mãe que te implora!

CLOTILDE.

Muito commovida. Mamã... mais tarde.... agora não... estou muito commovida...

MARIANNA.

Por isso mesmo; é a melhor occasião. A quem é que amas?

SCENA II.

OS MESMOS E CARDOSO.

CARDOSO.

Na porta. A Exma. Sra. D. Marianna dá licença?

MARIANNA.

Gesto de contrariedade. Seja bem apparecido, Sr. Cardoso. Como tem passado?

CARDOSO.

Mal, Exma. Sra. D. Marianna, muito mal!

CLOTILDE.

Está doente, meu bom amigo? O que é que sente? E está de pé! Aqui tem uma cadeira.

CARDOSO.

Com ternura. Obrigado, muito obrigado, por tanto interesse e solícitude, D. Clotildezinha.

CLOTILDE.

Isso não deve sorprendel-o, porque sabe que o estimo, como se o senhor fôra...

CARDOSO.

Diga, D. Clotildezinha, diga.

CLOTILDE.

Como se fôra meu avô.

CARDOSO.

Com despeito. Ora!

MARIANNA.

Não se agaste, Sr. Cardoso. Clotilde é uma cabecinha de vento que anda sempre disposta a travessear. Mas diga-nos do que é que sofre?

CARDOSO.

Do coração, Exma. Sra. D. Marianna.

CLOTILDE.

Cuidado, Sr. Cardoso! Tenho ouvido dizer, que os males do coração, quer physicos, quer moraes, devem de ser tratados com o maior disvelo e sollicitude. A qual dos dous generos pertencem os seus?

CARDOSO.

Ao segundo, D. Clotildezinha.

CLOTILDE.

N'essa idade! Misericordia, Santo Deus!

MARIANNA.

Contem-te, Clotilde. Observo-te, que o Sr. Cardoso é um homem respeitavel por mais de um titulo.

CLOTILDE.

E ninguem o respeita e estima mais do que eu. Gracejo com elle, é verdade, mas estou Acariciando Cardoso que não se escandilisa comigo; não é assim, Sr. Cardoso?

CARDOSO.

Enternecido. Certamente que não, querido e mimoso anjinho.

CLOTILDE.

Bem; como é assim, offereço-me para sua enfermeira, se seus padecimentos continuarem.

MARIANNA.

A Cardoso. Tem visto o Sr. Lacerda? Ha muito que não nos dá o prazer de sua companhia.

CLOTILDE.

Hei de ralar muito com elle quando por cá apparecer; não se deixa de ver, durante tantos dias, amigas como nós; não é verdade, mamãe?

MARIANNA.

Assim é, filhinha, menos quando deveres a isso se oppõe. Mas não respondeu á minha pergunta: sabe do Sr. Lacerda?

CARDOSO.

Encontrei-o hoje: disse-me que andava fazendo suas despedidas, porque conta seguir para a Bahia no paquete, que parte d'aqui a tres dias.

CLOTILDE.

Com interesse e pezar. Ah! elle parte! Fica triste.

CARDOSO.

Com despeito. Essa tristeza quando se trata da ausencia de um homem casado!

CLOTILDE.

Com vivacidade e energia. Como diz, Sr. Cardoso?

MARIANNA.

Vai para dentro, Clotilde. Sahe Clotilde.

SCENA III.

MARIANNA E CARDOSO.

MARIANNA.

Sabe, que seu procedimento não tem explicação, Sr. Cardoso? O senhor sem o pensar talvez, quero suppol-o, dirigio uma grave offensa á minha filha.

CARDOSO.

Perdôe e esqueça, Exma. Sra. D. Marianna.

MARIANNA.

Perdoar é possível; esquecer nunca! Uma mãe não póde jámais esquecer o mal que fazem a seus filhos, e o senhor fez Clotilde corar!

CARDOSO.

Perdôe, Exma. Sra. D. Marianna: este meu coração é o culpado de tudo.

MARIANNA.

E o que tem seu coração com o que o senhor disse á minha filha?

CARDOSO.

Pois a Exma. Sra. D. Marianna não sabe? Eu ainda não lhe disse?

MARIANNA.

A mim nada disse, mas estou prompta a escutal-o.

CARDOSO.

Olhe, Exma. Sra. D. Marianna, eu, apesar dos meus sessenta, ainda estou bem conservado, forte e robusto, não lhe parece?

MARIANNA.

Certamente.

CARDOSO.

Pois bem, Exma. Sra. D. Marianna, eu... eu... sim... esse é o meu desejo... a Exma. Sra. D. Marianna comprehende-me?

MARIANNA.

Não, Sr. Cardoso, e não o poderei em quanto o senhor não fallar claramente.

CARDOSO.

Exma. Sra. D. Marianna, a cousa está aqui... mas não póde sahir!

MARIANNA.

Porque? Tenha coragem, perca esse acanhamento. O negocio, creio eu, não será de comprometter.

CARDOSO.

Pois vá feito! A Exma. Sra. D. Marianna sabe, que sou homem de bem e que tenho alguma fortuna, sim?

MARIANNA.

Isto não tem questão.

CARDOSO.

Exma. Sra. D. Marianna, resolvi cazar-me e de V. Ex. depende toda a minha felicidade.

MARIANNA.

Custando a conter o riso. O Sr. conhece qual a estima que lhe tributo e consequentemente deve avaliar todo o pezar, que me resta, por não poder acquiescer a seus desejos, que muito me penhoram. Não tenciono cazar-me segunda vez, Sr. Cardoso. Para consolar-me de minha precoce viuvez, tenho minha Clotilde, a unica filha que Deus me concedeu.

CARDOSO.

Não me fiz comprehender, Exma. Sra. D. Marianna: não é de V. Ex. que se trata.

MARIANNA.

Ah! não? Então de quem é? Diga-me o nome da feliz mulher que soube conquistar seu coração, certo de que, se me fôr possível, defenderei sua causa calorosamente.

CARDOSO.

E' só de V. Ex. que tudo depende.

MARIANNA.

Explique-se.

CARDOSO.

Pensava já tel-o feito. Pois V. Ex. não vê que se trata de... sim... que é d'ella que se trata?...

MARIANNA.

Não sei decifrar enigmas.

CARDOSO.

Vá lá! E' de D. Clotildezinha.

MARIANNA.

Com surpresa. O senhor falla seriamente? Não é uma zombaria?

CARDOSO.

Não, não é zombaria, Exma. Sra. D. Marianna: fallo muito seriamente.

MARIANNA.

O que é feito de seu bom senso, Sr. Cardoso? Não vê que a immensa desproporção da idade, é uma barreira insuperavel entre o senhor e minha filha? Não pense em semelhante cousa. Prometto-lhe segredo, porque não desejo que sobre o senhor recaia todo o ridiculo que merece sua disparatada propozição.

CARDOSO.

Mas, Exma. Sra. D. Marianna falle com ella... consulte-a... póde ser...

MARIANNA.

Não pense em semelhante loucura.

SCENA IV.

OS MESMOS, LACERDA E UM CRIADO.

CRIADO.

Annunciando. O Sr. Lacerda!

MARIANNA.

Finalmente lembrou-se de que ainda somos vivas. Ha pouco tive noticias suas. Então está prestes a deixar-nos?

LACERDA.

Assim é, minha senhora. V. Ex. sabe, que a má fé de um correspondente meu, má fé que poz em eminente perigo todo o futuro de minha familia, trouxe-me á Córte, onde tive a ventura de ser bem recebido e estimado, ousou affirmal-o, por pessoas como V. Ex. e sua amavel filhinha. Meus negocios ainda não estavam terminados, quando....

SCENA V.

OS MESMOS E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Entrando apressada. Esta mamã é muito egoista, muito má! Está aqui o Sr. Lacerda, ha não sei quanto tempo e não me mandou chamar. A Lacerda. Sabe que lhe quero muito mal e que prometti ralhar muito com o senhor?

LACERDA.

Porque, D. Clotilde?

CLOTILDE.

Ouve, mamã? Ainda pergunta porque!

CARDOSO.

E com razão. D. Clotildesinha accusou-o e,

pois, está na indeclinavel obrigação de qualificar o crime.

CLOTILDE.

O Sr. Lacerda sabe perfeitamente qual foi o que commetteu.

LACERDA.

Ignoro completamente, D. Clotilde.

CLOTILDE.

Ah! ignora? Ha quantos dias não vem visitar-nos?

LACERDA.

Quando D. Clotilde entrou, ia eu dizer á senhora sua mãe quaes os motivos que me inibiram do prazer de procural-as.

CLOTILDE.

Vamos ouvir-o: deve ter tido razões muito ponderosas, aliás não tem desculpa.

LACERDA.

Como lhe dizia, D. Mariana; meus negocios ainda não estavam terminados, quando, pelo ultimo paquete chegado da Bahia, recebi noticias por demais tristes e dolorosas. Minha mulher adoeceu, e sua enfermidade em poucos dias tomou um character tão grave e assusta-

dor, que os medicos desesperam de sua salvação. Foi de seu leito de dôres e quem sabe se do de morte, que escreveu-me, manifestando o desejo de abraçar-me antes de restituir ao Creador o que d'elle recebeu. Precipitei tudo, D. Mariana, e dentro de tres dias parto para a Bahia. Tantas foram as cousas que tive de fazer, tantos os passos a dar, que não pude dispôr de um momento para vir comprimental-as. E agora, D. Clotilde, ainda me accusa?

CLOTILDE.

Seria e triste. Não, Sr. Lacerda, lamentó-o de coração, porque avalio seus soffrimentos. Faço os mais fervorosos votos, para que os receios dos medicos sejam infundados, e que o senhor encontre sua senhora completamente restabelecida.

MARIANNA.

Baixo a Lacerda. Necessito de um favor seu: quer servir-me?

LACERDA.

O mesmo. Ainda o pergunta? Eu julgava-me com direito á sua estima e confiança.

MARIANNA.

O mesmo. E vai d'ellas ter uma prova. Clo-

tilde tem um segredo, que receia confiar-me: tão sua amiga como é, creio, que o comunicará ao senhor. Peço-lhe que procure conhecê-lo, scientificando-me depois do que souber. Vou deixal-os sós. *Alto.* Sr. Cardoso tenha a bondade de acompanhar-me; quero entregar-lhe os papeis, que me pediu. O Sr. Lacerda permite?

LACERDA.

Oh! minha senhora! Saem Marianna e Cardoso.

SCENA VI.

LACERDA E CLOTILDE.

LACERDA.

Acho-a triste, D. Clotilde: o que tem?

CLOTILDE.

Não lhe parece natural que eu me entristeça, vendo tão proxima a ausencia de um amigo como o senhor?

LACERDA.

Agradeço-lhe mais esta prova de sua amizade. Permitta, porém, que lhe eu diga com a franqueza de amigo, que a senhora tem mais alguma cousa que a incommoda e contraria

CLOTILDE.

Ahi vem o senhor com a mesma mania da mamãi!

LACERDA.

Ah! a senhora sua mãe também notou, que a senhora tem alguma cousa fóra do natural?

CLOTILDE.

E' verdade, e quer por força que eu lhe confie um segredo, que não tenho.

LACERDA.

Sente-se aqui D. Clotilde, e conversemos como bons amigos, que somos. Sentam-se. A senhora, quando diz que me tem sincera amizade, falla com a franqueza propria de sua idade e de seu character, sim?

CLOTILDE.

Sem duvida, porque nunca occultei meus sentimentos.

LACERDA.

E' em nome d'essa amizade que vou interrogar-a, D. Clotilde. Ha muito que observo grandes mudanças em seu character: a senhora sempre tão prazenteira e alegre, tem actualmente momentos taes de distração e tristeza, que não podem escapar a ninguem. O que é,
3

minha amiguinha, que tem produzido taes mudanças?

CLOTILDE.

O Sr. tambem! Todos os que eu estimo querem hoje martyrisar-me!

LACERDA.

Não seja injusta, D. Clotilde; não chame martyrio, um interesse que me é inspirado por sua amizade e por seu merecimento. Fallo como um amigo, que sinceramente deseja sua felicidade, e que está prompto a coadjuval-a com todos os meios a seu alcance. Continua silenciosa? Não lhe mereço confiança? Receia que lhe seja desleal?

CLOTILDE.

Que lembrança!

LACERDA.

E' uma lembrança, que sua reserva justifica. Comprehendo, que a senhora, levada por um temôr infundado, hesitasse em confiar á senhora sua mãe esse *segredinho*, mas a mim que não tenho o direito de *ralhar*, que tanto a estimo e que devo partir em trez dias....

CLOTILDE.

Com hesitação. Se eu soubesse.... se eu tivesse certeza.... se eu não receiasse.... Levantam-se.

LACERDA.

O que?

CLOTILDE.

Meu Deus! Meu Deus! Quanto sou desgraçada!

LACERDA.

Com muito interesse e inquietação. D. Clotilde, o negocio me parece muito mais serio do que eu o suppunha. E' em nome de sua tranquillidade, é em nome da ventura de seu futuro, é em nome da tranquillidade e ventura de sua virtuosa mãe, que eu exijo, attenda bem, que eu exijo, que me falle com franqueza.

CLOTILDE.

Que devo fazer, meu Deus?

LACERDA.

Dizer a verdade: tudo lh'o aconselha.

CLOTILDE.

Com receio e timidez. O senhor que é tão meu amigo, que tanto me presa e estima, não se zangará comigo, sim? Tenho, com effeito, um segredo que devêra, a consciencia m'o diz, depositar no seio de minha bôa mãe, mas não tive animo de faze-lo. Vou confial-o ao se-

nhor, que offereceu-me sua coadjuvação, na firme crença de que não acharei mentidas as minhas esperanças.

LACERDA.

Com inquietação. Continue, D. Clotilde.

CLOTILDE.

Sr. Lacerda, eu amo, e se este amor fôr contrariado, tenho certeza de que succumbirei.

LACERDA.

Não podendo conter a commoção. O que é que diz, D. Clotilde?!

CLOTILDE.

Meu Deus! Esta commoção! Acaso o senhor reprova?... Se assim é, arrependo-me....

LACERDA.

Procurando dominar-se. Desculpe-me.... a confidencia foi tão imprevista.... tão inesperada.... demais trata-se de todo seu futuro.... e por tanto não é de admirar a commoção que de mim se apoderou.... mais diga-me esse amor, que a senhora diz que sente, não será um capricho de coração de menina.... uma tenue nuvem que se dissipará ao sopro da mais leve brisa?...

CLOTILDE.

Com decisão. Não, meu amigo; vou fallar-lhe como fallaria a Deus. Ha tres mezes eu era uma menina, que sómente pensava em travessuras, de então para cá, porém, operou-se em mim tal mudança, que me sinto com toda a força e energia de uma mulher. Amo: quer saber como? Se alguém, sem piedade, perdoai-me, meu Deus! tentasse arrancar-me do peito a terra plantinha, que acaba de nascer e que eu cultivo com o maior disvelo e interesse, ainda que fosse minha propria mãe, eu havia de retribuir-lhe com todo o odio de que é capaz o coração de uma mulher! Oculta o rosto entre as mãos.

LACERDA.

Com desanimo. Que paixão!

SCENA VII.

OS MESMOS, BARROS E UM CRIADO.

CRIADO.

Annunciando. O Sr. Alfredo de Barros! Sahe.

CLOTILDE.

Ah!

BARROS.

Pressurôso. O que tem, D. Clotilde? Chora?
A Lacerda. Sabe a causa d'aquelles lagrimas.

CLOTILDE.

Nenhuma. Sr. Alfredo, o Sr. Lacerda, que é o meu melhor amigo, está de posse de parte de meu... de nosso segredo. Complete a confidencia, que eu retiro-mé.

LACERDA.

Não, D. Clotilde, fique. Sr. Barros, creia que tem em mim um amigo sincero e devotado. Eu já volto.

CLOTILDE.

Onde vai, Sr. Lacerda?

LACERDA.

Vou fallar á Sra. sua mãe: vou pedir-lhe sua mão em nome do Sr. Barros. Sahe.

SCENA VIII.

BARROS E CLOTILDE.

BARROS.

O que tens, minha Clotilde? O que quer dizer essa tristeza?

CLOTILDE.

Tu o perguntas? Não sabes que agora mesmo se está, talvez, decidindo nossa sorte?

BARROS.

Confia em Deus, meu querido anjo! Uma paixão tão pura e profunda, como a que votamos um ao outro, é sempre protegida pela Providencia. Marianna e Lacerda apparecem no fundo. Tua boa mãe, que tanto te ama e que me estima, não despedaçará de certo os laços que já nos unem perante Deus!

LACERDA.

No fundo, á Marianna. Eis alli o segredo de sua filha, minha senhora: cumpre casar-a.

MARIANNA.

No auge da maior commoção. Elles amam-se, meu Deus!
Çáhe o panno.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Sala mobiliada com decencia e elegancia. As portas do fundo, abertas, deixam ver uma outra sala.

SCENA I.

MARIANNA, CLOTILDE, LACERDA E SILVEIRA.

MARIANNA.

Sabem que n'um dia, como o de hoje, ha mil nadas de que uma dona de casa se não deve deslembrar, sob pena de soffrer censuras. Como não faço a menor cerimonia com os senhores, deixo-os por alguns minutos. Vem ajudar-me, Clotilde.

CLOTILDE.

E' ainda tão cedo, mamãi!

MARIANNA.

Não tanto como julgas. Vem.

CLOTILDE.

Até já, meus senhores. Saem Marianna e Clotilde.

SCENA II.

LACERDA E SILVEIRA.

Depois da sahida de Marianna e Clotilde, Lacerda senta-se pensativo. Silveira chega-se a elle e contempla-o silenciosamente por alguns instantes.

SILVEIRA.

Então?

LACERDA.

O que?

SILVEIRA.

Disseste-me que só hoje e n'esta casa me communicarias o que se passa em tu'alma. E's homem de honra e eu exijo o cumprimento de tua promessa.

LACERDA.

Fazes-me um favor?

SILVEIRA.

Qual?

LACERDA.

Desliga-me de minha promessa.

SILVEIRA.

Impossivel!

LACERDA.

Ah! queres que eu falle? Pausa. Prepara-te. pois, para ouvir uma narração, que ora te fará ter odio de mim e ora te levará a olhar-me com commiserção, quiçá com desprezo. E' um segredo que deve morrer entre nós. E' aqui n'esta mesma casa, onde simultaneamente fruí todas as delicias do paraíso e supportei todas as torturas do inferno, que quero abrir-te meu coração e mostrar-te até que ponto vai minha desventura. Pausa. Sabes quanto te estimo e qual a confiança que em ti deposito, mas, apezar d'isto, custa tanto a um homem cuja vida é sem macula, cuja reputação é illibada confessar que teve e tem pensamentos criminosos que hesito..... não, não hesito, vou dizer-te tudo. Queres ouvir-me?

SILVEIRA.

Desejo-o ardentemente, mas peço-te, que falles com calma e tranquillidade.

LACERDA.

Não posso. Quando penso no que te vou confiar, é tal a minha excitação, que receio comprometter-me, deixando transparecer em meu rosto o que se passa em minh'alma. Sabes quaes os motivos que me fizeram estar na Côrte cerca de quinze mezes. Reatei antigas relações com D. Marianna, que conheci quando aqui estive anteriormente e de cujo marido fôra muito amigo. Ao principio pensei que era innocente a afeição que sentia por essa menina que hoje se casa. A pouco e pouco, porém, conheci.... Olhando receioso para todos os lados. que a amava com uma paixão louca e invencivel! Imagina, se podes, os transe por que passei! Quando eu via a innocente menina receber e retribuir as caricias, que lhe prodigalisava com segunda intenção, quando eu a via correr ao meu encontro com o abandono e confiança de amiga, sentia-me tomado de remorsos que eram logo abafados por minha desvairada paixão. Era um supplicio sem nome!

SILVEIRA.

Desgraçado!

LACERDA.

Dizes bem, sim, desgraçado, muito desgra-

çado! Ao chegarem os vapores do Norte, quando recebia cartas da Bahia, as ultimas que eu abria eram as de Carolina, porque via em seus protestos de amor, na descripção de seus pezares e saudades a mais energica e vehemente accusação ao meu procedimento. Entretanto minha louca paixão crescia... crescia sempre! Quando menos o esperava, recebi a noticia da grave enfermidade de Carolina, da mãe de meus filhos. Essa noticia, eu a recebi com prazer: beijei com effusão as cartas que m'a davam! Pausa. Ficas tranquillo, Silveira? Não te ergues para chamar-me de infame?

SILVEIRA.

Não, porque o não foste, porque o não és. Continúa, mas acalma-te.

LACERDA.

Era preciso salvar as apparencias, era preciso dar uma satisfação a esta sociedade exigentemente parva, que comprehenderá tudo menos os sentimentos do coração. Preparei-me e quando vim participar a esta familia que retirava-me para a Bahia, Clotilde confiou-me que amava!... O que eu senti, meu amigo, não se descreve! Mas, levado por um impulso que não sei e nem posso explicar, fiz com que D. Marianna, que obstinadamente se oppunha ao casamento, n'elle consentisse.

SILVEIRA.

Dá-me tua mão. E's sempre o mesmo homem — bom, generoso e honrado.

LACERDA.

Não me elogies, porque te arrependerás em breve. Parti, cheguei á Bahia e ao entrar em casa, conheci pela tristeza debuxada no semblante de todos, que alguma cousa de lugubre ia ter logar. De facto assim era. Carolina fiava-se a pouco e pouco. Conheceu-me, abraçou-me e recommendou-me nossos dous filhinhos. Ainda tenho bem presente a scenã que então se passou. Carolina agonizante, tinha a imagem do Crucificado entre as mãos; meus filhos, symbolo da innocencia, cada um do lado do leito, de mãos póstas, repetiam as orações que lhes ditavam; teu irmão, o bom Rodolpho, de braços cruzados, chorava silenciosamente e eu... sabes no que pensava? Pensava em Clotilde! Repentinamente a imagem escapou-se das mãos de minha mulher, ella exalou um leve suspiro... estava morta! Sahi arrebatadamente do quarto bradando: « Estou viuvo; estou só no mundo! » N'esse momento, Rodolpho, pensando que eu lamentava minha viuvez e a solidão em que ia viver, apresentou-me meus filhos, dizendo: « Enganas-te, tens estes dous innocentes que recla-

mam todos os teus disvelos e cuidados! » Como enganam as apparencias! E agora dize-me, o homem que ao lado do cadaver ainda quente de sua mulher, pensa em uma outra, não merece a execração e o desprezo de todos?

SILVEIRA.

Não, no teu caso não. Tu és um homem demasiado infeliz. Mas basta; teu espirito carece de distrações. Vamos conversar com D. Marianna.

LACERDA.

Não; quero dizer-te tudo agora mesmo. Uma vez livre dos laços que me separavam de Clotilde, pensei em romper seu casamento. Procurei um pretexto, disse que não podia viver onde morrera Carolina e um mez depois de seu passamento, estava estabelecido na Côrte, tendo deixado teu irmão á testa de meus negocios na Bahiã. Apenas chegado, procurei D. Marianna e D. Clotilde, e verifiquei, que a paixão d'esta era invencivel! Desanimei..... quiz fugir..... não pude!.... E a fatalidade, perseguindo-me sempre tenazmente, levou D. Marianna a encarregar-me de tudo e hoje até tenho de levar a noiva ao altar!

SILVEIRA.

E' o teu castigo, a tua punição. Vê em tado

isto a mão da Provincia que quer conservar-te o que sempre foste. Agradece-lhe e ácceta a cruz com prazer. Domina-te: ahí veem D. Marianna e sua filha.

SCENA III.

OS MESMOS, MARIANNA E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Ainda juntos! Com effeito, tinham muito que conversar!

SILVEIRA.

Estivemos sempre fallando a seu respeito, isto é, de sua ventura.

CLOTILDE.

Acredito e muito agradeço.

MARIANNA.

Estou desconhecendo-te, Clotilde; perdeste a memoria?

CLOTILDE.

Porque me faz esta pergunta, mamãe?

MARIANNA.

Porque ainda não exigiste do Sr. Lacerda o cumprimento de sua promessa.

CLOTILDE.

Tem razão. Desculpe-me, Sr. Lacerda, que eu hoje não tenho o juizo bem assente; minha imaginação e meu pensamento andam eu mesma não sei por onde. Mas aqui está meu braço: quero ter o prazer de conduzil-o ao piano.

LACERDA.

Com que fim, D. Clotilde?

CLOTILDE.

Ah! esqueceu-se? Não se lembra que prometteu-me compôr e recitar ao piano uma poesia no dia de meu casamento? Não a fez? Não creio, porque o senhor ainda me não faltou a uma só promessa. Venha, não se faça rogado. Segura-o por ambas as mãos como querendo forçal-o a levantar-se.

MARIANNA.

Que é isto, Clotilde?

CLOTILDE.

Deixe, mamãe; deixe aproveitar-me dos ultimos momentos de minha liberdade, a qual, confesso ingenuamente, vou com prazer trocar por uma dôce escravidão.

LACERDA.

Observo-lhe que são quatro....

CLOTILDE.

Ainda temos duas longas horas. Hade haver tempo para tudo. Quero, antes de vestir-me, ter o prazer de ouvi-lo.

LACERDA.

Vou submissamente cumprir suas ordens.
Senta-se ao piano e preludia.

SCENA IV.

OS MESMOS, BARROS, CARDOSO E CARVALHO.

BARROS.

Clotilde!

CLOTILDE.

Sr. Alfredo de Barros! Atenção! O Sr. Lacerda vai recitar!

LACERDA.

Luz em teu rosto da belleza a aurora,
Brilha em teus olhos da ventura a chamma
E aos dôces raios de um amor intenso,
Toda tu'alma se arrebatada e inflamma.

Para teus olhos o horisonte é limpo,
Nuvens rosadas entrevês sorrindo,
Auras celestes te bafejam puras
E a fronte bella vão beijar-te rindo.

Mas não te esqueças, n'esse arroubo aereo,
Que emquanto folgas, outros gemem, choram
E que essas côres, que teu rosto enfeitam,
São d'outras faces que por ti descoram.

Penas occultas, que em segredo expiram,
O seio agitam de quem cala e morre....
Vã esperança é maripôsa errante,
Que á luz, á morte doudejante corre!

Eu sou talvez a maripôsa afflicta
E tu talvez a luz fatal qu'eu sigo;
Foge, portanto, não recues, foge
Que esse segredo morrerá commigo!

Lacerda levanta-se do piano triste e abatido.

TODOS.

Muito bem, muito bem!

CLOTILDE.

Muito obrigada, Sr. Lacerda. Hade escrever
essa poesia em meu album.

LACERDA.

Com o maior prazer.

BARROS.

A poesia e a musica são suas?

LACERDA.

Sim, Sr. Barros.

BARROS.

Felicito-o sinceramente. Os versos são lindos e a musica muito harmoniosa.

VIRGINIA.

Na porta. Clotilde, o cabellereiro te espera.

CLOTILDE.

Ahi vou, ahi vou! Venha mamãi. Meus senhores, em meia hora apparecerei completamente transformada. Sr. Barros!

BARROS.

Sempre travessa!

CLOTILDE.

Sel-o-hei ainda por uma hora; acha muito?
Sahem Clotilde e Marianna.

SCENA V.

OS MESMOS MENOS CLOTILDE E MARIANNA.

SILVEIRA.

Emfim, Sr. Barros, vão hoje realisar-se os votos mais caros a seu coração.

BARROS.

E' verdade, e devo-o em grande parte, se-

não totalmente, á benefica influencia e protecção do Sr. Lacerda, a quem muito agradeço.

LACERDA.

Seccamente. Não tem que agradecer, por quanto....

BARROS.

Oh! se tenho! Se não fôra o senhor....

LACERDA.

Tem razão: deve agradecer-me e muito, por que se não fôra o interesse, que tomei pelo que a Sra. D. Clotilde chama sua felicidade, não sei se o senhor venceria a repugnancia da Sra. D. Marianna. Assim, a concessão foi dada quasi sem lucta, e o senhor vai desposar a moça mais perfeita e interessante, que conheço. Animando-se. Espero, porém, que o senhor a tornará tão feliz quanto ella o merece. Torno-o responsavel por isso, aliás....

SILVEIRA.

Baião e rapidamente. Cuidado!

LACERDA.

Contendo-se. terei de arrepender-me de haver tomado parte em negocio de tanta magnitude.

BARROS.

Isso fica por minha conta.

SILVEIRA.

Vamos até o altar orar pela felicidade dos noivos.

LACERDA.

Taciturno. Vamos.

BARROS.

Fica, Carvalho. Saem todos menos Barros e Carvalho.

SCENA VI.

BARROS E CARVALHO.

BARROS.

Notaste o ar orgulhoso e impertinente com que me fallou o Sr. Lacerda, o melhor amigo da familia em que vou casar-me? Notaste a ameaça occulta no que me disse em relação á ventura de Clotilde?

CARVALHO.

Não notei cousa alguma do que estás dizendo. E's de uma susceptibilidade!...

BARROS.

Sou reconhecido a Lacerda, sei que vou de-

ver-lhe a felicidade, mas sempre que o vejo ao lado de Clotilde, tenho pressentimentos que seriamente me incommodam. Não sei o que daria para vê-lo muito longe de mim e d'ella. Sou-lhe grato e temo-o: porque?

CARVALHO.

Estás visionario?

BARROS.

Não sei o que estou, nem o que sou. A minha maior ambição era desposar Clotilde; hoje isso se realisa e não me considero completamente feliz!

CARVALHO.

Mas porque?

BARROS.

Eu o sei por ventura? Póde-se acaso explicar esse sentimento incerto e indefinido, que de nós se apodera, que nos atormenta incessante e cruelmente?

SCENA VII.

OS MESMOS E CARDOSO.

CARDOSO.

A Barros. O Sacerdote quer fallar-lhe.

BARROS.

Já vou. Sahe

SCENA VIII.

CARDOSO E CARVALHO.

CARVALHO.

Está tão distrahido, Sr. Cardoso; o que tem?

CARDOSO.

Creio que não tenho de dar contas a ninguém d'aquillo que sinto.

CARVALHO.

Desculpe-me, se o offendi com uma pergunta innocente, dictada pelo interesse e respeito que o senhor me inspira. Ainda uma vez, desculpe-me. Quer sahir, mas Cardoso o retém.

CARDOSO.

Desculpa devo eu pedir. Estou de máo humor; tudó me encommoda e aborrece. Quer saber a causa? E' o casamento de D. Clotildezinha.

CARVALHO.

Como! O senhor tão amigo da familia!

CARDOSO.

Pois é por isso mesmo. Custa-me a ver uma menina tão bella, tão virtuosa, tão distincta e tão bem educada dar a mão de esposa a um empregado publico, quasi sem fortuna, quando podia ter accedido um partido mais vantajoso, que foi offerecido á Exma. Sra. D. Marianna.

CARVALHO.

Quem foi que pretendeu a mão de D. Clotilde?

CARDOSO.

Um homem honesto e abastado, e não um figurino de bigode retorcido e barba á ingleza: este seu criado.

CARVALHO.

O senhor!...

CARDOSO.

Sim; de que se admira?

CARVALHO.

Não me admiro de cousa nenhuma. Sinto que o senhor fosse mal succedido em seus intentos, mas os moços são sempre preferidos.

CARDOSO.

E' verdade, porque as mulheres, que são to-

das umas tolas, não pensam em seus interesses e conveniências e deixam-se arrastar...

CARVALHO.

Pelos impulsos do coração? Tem razão, mas o que se hade fazer, se isso é da essencia dellas? Console-se, porém, Sr. Cardoso, converta em amizade o amor que tem a D. Clotilde. E' opinião da mulher mais bella, espi-rituosa e interessante que conheço e que amou-me em tempos que já foram, que o amor está muito abaixo da amizade. Esta, diz ella, é um sentimento perduravel, e aquelle um sentimento que se extingue, ou com o tempo ou por quaesquer causas, ás mais das vezes futeis.

CARDOSO.

Não accito a theoria e contra a ella protesto com toda a energia de um coração apaixonado! A mulher que lhe disse semelhante cousa ou não tem alma ou estava zombando do senhor.

SCENA IX.

OS MESMOS, BARROS, LACERDA, SILVEIRA, MARIANNA, VIRGINIA E DIVERSOS CONVIDADOS DE AMBOS OS SEXOS.

VIRGINIA.

Sentando-se ao lado de Marianna. Tua physionomia de-

nuncia o que se passa em tu'alma: mostra-te alegre e satisfeita.

MARIANNA.

Sabes que esforços faço para apresentar-me como estou? Só eu e Deus os conhecemos: O calix é demasiado amargo, mas hei de tragal-o até o fim. Deus me dará forças para assistir a consummação do sacrificio.

SILVEIRA.

A Lacerda. Com os diabos, muda de cara!

LACERDA.

Deixa-me!

SCENA X.

OS MESMOS E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Eis-me prompta! Então como me acham? Não estou uma bonita noiva? Pausa. Que é isto? Minha mãe, minha tia, o Sr. Lacerda, o Sr. Barros, todos tristes! Com muito pesar. Eu suppunha que um dia de noivado era um dia votado ao prazer e á alegria!

MARIANNA.

Com esforço. E não te enganas, mas sendo o casamento o acto mais importante da vida, nós todos, que tanto te presamos, pensamos por ti, uma vez que tua ventura não permite que o faças. Levantando-se a custo. E' chegado o momento! Sr. Lacerda tenha a bondade de dar o braço a Clotilde. Vamos, Senhores. Saem todos, menos Cardoso e Virginia.

SCENA XI.

VIRGINIA E CARDOSO.

VIRGINIA.

Não quer assistir ao acto, Sr. Cardoso?

CARDOSO.

Não, minha senhora; nunca pude assistir á cerimonia do casamento: faz-me mal aos nervos. E V. Ex. não vai?

VIRGINIA.

Não posso; tenho muitas cousas que providenciar.

CARDOSO.

Então, permitta-me licença. Sahe por uma porta do fundo e Marianna entra por outra.

SCENA XII.

MARIANNA E VIRGINIA.

VIRGINIA.

Recebendo Marianna nos braços. Minha pobre irmã!

MARIANNA.

Não pude.... quando os ouvi pronunciar o juramento que os liga um ao outro, a custo abafei um grito partido dos seios d'alma.... e fugi como se me perseguisse alguém!... Deus Omnipotente; arrancai de meu peito este amor que agora é um crime!

SCENA XIII.

AS MESMAS, SILVEIRA, CLOTILDE, BARROS, LACERDA, CARVALHO, CARDOSO E CONVIDADOS.

CLOTILDE.

A uma dama que a segue. Não, minha querida Emilia; o meu primeiro abraço é para minha mãe, o segundo será para ti. Abraça Marianna. Chora? Lagrimas neste dia, minha boa e prezada mãe!

MARIANNA.

Choro, sim.... mas é de prazer.... A felicidade também faz chorar.... e eu sou feliz.... muito feliz, minha filha.... porque te dei um marido como eu quizerá ter!.... *Cabe o panno.*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

Sala em que se nota pobreza cuidadosamente disfarçada.

SCENA I.

MARIANNA E CARDOSO.

CARDOSO.

São muito tristes as noticias, que lhe trago Exma. Sra. D. Marianna. Seu genro, o *tal* Sr. Alfredo de Barros, leva uma vida digna das maiores censuras. Passa os dias e grande parte das noites entre gente mais que suspeita, e frequenta logares onde se dão as scenas mais escandalosas e immoraes. Ah! se a Exma. Sra. D. Marianna tivesse querido, a sorte de D. Clotildezinha seria hoje muito diversa.

MARIANNA.

Como ?

CARDOSO.

Se a Exma. Sra. D. Marianna tivesse accedido a proposta, que tive a honra de fazer-lhe.... não se recorda?

MARIANNA.

Não: qual foi ?

CARDOSO.

A de conceder-me a mão de D. Clotildezinha.

MARIANA.

Não gracieje, Sr. Cardoso.

CARDOSO.

Eu graciejar, quando se trata de D. Clotildezinha?! E' uma injustiça, que a Exma. Sra. D. Marianna me faz! Tenho mais de sessenta annos, mas para amar D. Clotildezinha teve e tem meu coração toda a energia e força de um coração de moço. Oh! quanto seria ella venturosa se me tivesse desposado!

MARIANNA.

Vamos ao que importa. Diga-me minuciosamente o que sabe a respeito de Alfredo.

CARDOSO.

Sei que é um peralta, um peralvilho, um homem sem brio e sem honra.

MARIANNA.

Lembro-lhe que falla de meu genro.

CARDOSO.

Perdôe-me, Exma. Sra. D. Marianna, mas sempre que considero no infortunio de D. Clotildezinha, fico fóra de mim. A Exma. Sra. D. Marianna sabe que sou impellido por dous moveis—o respeito e amisade que á V. Ex. consagro, e o amor que a ella tributo.

MARIANNA.

Conte-me o que sabe.

CARDOSO.

Hontem seu genro esteve durante o dia na caixa do theatro lyrico, sahio acompanhando a tal cantora por quem está apaixonado, e da casa d'ella retirou-se alta noite, mas sem dinheiro, sem relógio e até sem os botões de punho que eram de algum valor.

MARIANNA.

Até isso, meu Deus!

CARDOSO.

Na rua encontrou alguns dos taes seus amigos, foram á uma hospedaria e amanheceram todos, á ingleza, debaixo da mesa.

MARIANNA.

E depois?

CARDOSO.

Como a Exma. Sra. D. Marianna sabe, veio á casa, mudou de fato, sábio sem ver D. Clotildezinha e foi acompanhar a cantora ao ensaio.

MARIANNA.

Que vergonha! Quem o diria? Um moço tão distincto, tão modesto, de educação tão apurada!

CARDOSO.

Eu nunca me enganei com elle. Um homem que só cuida em frizar bem o bigode e amarrar elegantemente a gravata, não póde prestar para cousa alguma.

MARIANNA.

Agradeço-lhe muito a bondade com que se encarrega de transmittir-me as informações, que lhe peço, a respeito de meu genro.

CARDOSO.

A Exm. Sra. D. Marianna não determina mais nada d'este seu humillissimo servo?

MARIANNA.

Que continue a ser nosso amigo.

SCENA II.

OS MESMOS E BARROS.

BARROS.

Bôas tardes

CARDOSO.

Viva!

MARIANNA.

O que tem Alfredo? Está tão agitado!

BARROS.

Não tenho nada. Onde está sua filha?

MARIANNA.

Naturalmente preparando o jantar

BARROS.

Ainda bem que estou com um appetite de vorador! Baixo a Marianna. Sabe que não gosto d'este

velho e não obstante o encontro aqui quasi sempre!

MARIANNA.

Foi amigo intimo de meu pae e de meu marido e hoje é um dos poucos que nos restam. Não ha, pois, razão para que me prive de sua companhia.

CARDOSO.

Até amanhã, Sra. D. Marianna. A Barros. Viva!
Sahe.

SCENA III.

MARIANNA E BARROS.

BARROS.

Então acha que não é razão sufficiente o não contrariar-me? Eu pensava de outro modo.

MARIANNA.

Alfredo, meu querido filho; escute-me, quero fallar-lhe.

BARROS.

Já sei que ahi vem a senhora com as suas *jeremiadas* do costume. Previno-a de que não estou de bom humor.

MARIANNA.

Tenha paciencia; ha de ouvir-me. Acima de tudo colloco a tranquillidade e ventura de minha querida Clotilde, cuja mão o senhor tanto mostrou desejar.

BARROS.

São cousas passadas nas quaes não vale a pena fallar.

SCENA IV.

OS MESMOS E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Como estás, meu caro Alfredo? Como passaste de hontem para cá? Vem, senta-te aqui, bem perto de mim. . . mais ainda. Divertiste-te muito? O espectaculo agradou-te, correspondeste ás tuas esperanças? Responde-me.

BARROS.

Não me aborreça com perguntas pueris.
Baixo. Affaste sua mão, que preciso fallar-lhe.

CLOTILDE.

Apontando para dentro. Mamã. . .

MARIANNA.

Vou, desgraçada! Sahe.

SCENA V.

BARROS E CLOTILDE.

BARROS.

Que dinheiro ha em casa?

CLOTILDE.

Quasi nenhum. D'onde queres que elle venha?

BARROS.

Ha ou não ha? Essa é a questão.

CLOTILDE.

Já te disse que ha uma bagatella.

BARROS.

Tambem a senhora tem sempre uma resposta desagradavel para tudo, menos para o que me é indifferente! Tenho hoje um passeio a Botafogo e estou sem dinheiro e sem recursos. Bonita posição!

CLOTILDE.

Enão pódes prescindir d'este passeio, ficando junto a mim, que tanto te amo e que de bom grado farei qualquer sacrificio para tornar-te venturoso? Meu Alfredo, meu querido esposo, ouve-me um momento. Eu te fallo com o amor e dedicação, que te tenho...

BARROS.

Não me aborreça, já lhe disse. Não é com seu amor e com sua dedicação, que hei de pagar as despezas. O que eu preciso é dinheiro: tem ou não tem?

CLOTILDE.

Já te disse... Mas espera... toma este alfinete... vende-o... as perolas têm valor... mas, eu te peço de joelhos... restitue-me o retrato de meu pai que ellas cercam... é a unica cousa que d'elle me resta!...

BARROS.

Lgrimas! Lgrimas sempre e a proposito de tudo! Adeus.

CLOTILDE.

Até quando?

BARROS.

Sempre perguntas!

SCENA VI.

OS MESMOS E MARIANNA.

MARIANNA.

Vai sahir, Alfredo? Não janta comnosco?

BARROS.

Não; são quasi tres horas e tenho pressa.
Adeus. Sahe.

SCENA VII.

MARIANNA E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Abraçando Marianna. Minha mãe! Minha mãe!

MARIANNA.

Não desanimes, minha filha; confia em Deus,
que é sempre bom e justo.

SCENA VIII.

AS MESMAS E CARDOSO.

CARDOSO.

Entrando agodado. Nem sempre hei de ser portador de más novas. Venho dar-lhes um alegrão.

MARIANNA.

O que ha?

CARDOSO.

Chegou o paquete inglez da Europa e entre os passageiros veio o Sr. Lacerda.

CLOTILDE.

Mil graças, meu Deus! D'aqui em diante terei a meu lado um amigo sincero a quem confiarei meus pezares!

CARDOSO.

Fallei-lhe; disse-lhe tudo e elle segue-me de perto.

SCENA IX.

OS MESMOS E LACERDA.

LACERDA.

Com effusão. D. Marianna! D. Clotilde! Depois de dez mezes, tenho emfim um momento de verdadeira alegria!

MARIANNA.

Acredite que eu e minha filha temos o maior prazer em vê-lo restituído á nossa amisade.

CLOTILDE.

Sua ausencia nos era demasiado sensível, Sr. Lacerda. Não se passou um só dia em que, com muita saudade, nos não recordássemos do senhor.

LACERDA.

Estou certo d'isto e muito lhes agradeço. Agora não as deixarei mais: não tenciono sahir da Côrte e havemos de viver na mais perfeita intelligencia e amizade. *Baixo a Marianna.* E' verdade o que me informou o Sr. Cardoso? D. Clotilde é infeliz? O Sr. Alfredo de Barros a abandona?

MARIANNA.

O mesmo. Infelizmente tudo é verdade.

LACERDA.

O mesmo. Procure um pretexto e deixe-me só com D. Clotilde: urge que eu lhe falle.

CARDOSO.

Até a noite, Exma. Sra. D. Mariana, que cá virei tomar-lhe o chá em companhia de nosso amigo o Sr. Lacerda. *Com ternura.* Adeus, D. Clotildezinha. Sempre ás suas ordens, Sr. Lacerda. *Sahe.*

SCENA X.

OS MESMOS MENOS CARDOSO.

CLOTILDE.

Divertio-se muito pela Europa? Conte-nos alguma cousa de suas viagens.

MARIANNA.

E enquanto ouves as narrações de nosso bom amigo, vou preparar o jantar, que elle se dignará partilhar comnosco. *Sahe.*

SCENA XI.

CLOTILDE E LACERDA.

CLOTILDE.

Que terras vio?

LACERDA.

Diversas, mas não apreciei nada do que vi: parti, mas a alma, o espirito e o coração ficaram aqui. Pezares pungentes, dôres acerbadas, martyrios indiscreptiveis levaram-me a emprehender a viagem de que acabo de chegar, na esperanza de que a ausencia me faria esquecer. Baldado intento! Estou de volta e meus pezares ainda são maiores!

CLOTILDE.

Ah! o senhor soffre, é infeliz?

LACERDA.

Assim é. E a senhora é ditosa?

CLOTILDE.

Tanto quanto se póde ser n'este mundo:

LACERDA.

Sua physionomia está em contradição manifesta com suas palavras. A senhora procura illudir-se, mas não o consegue. Sabe quanto a estimo, e por isso não hesito em offerecer-me para tudo que lhe possa ser util.

CLOTILDE.

Muito agradeço seus offerecimentos, mas, como vê, não temos precisão de cousa alguma. Não vivemos na opulencia, é verdade, mas antes em uma mediania que muito nos agrada e convém. Lacerda toma o chapéo. Não janta comnosco?

LACERDA.

Não, senhora, desculpe-me com a senhora sua mãe e apresente-lhe meus respeitos. Vai a sahir e volta. Não, não posso; preciso e devo fallar. Sei tudo, minha senhora, conheço toda a extensão de seus soffrimentos. Hoje, que devêra de ser um dia de festa e alegrias para a senhora, porque é o primeiro anniversario de seu casamento, venho encontral-a triste, abandonada e só a custo de esforços supremos, contendo as lagrimas que em borbotões lhe querem rebentar dos olhos! Confesse-me seus pezares, diga-me tudo e assentemos em um plano que possa restituir-lhe a felicidade

perdida. Pausa. Cala-se? Clotilde occulta o rosto entre as mãos. Chore, D. Clotilde, chore que as lagrimas são um poderoso allivio para os corações infelizes! Eu o sei por experiencia propria.

CLOTILDE.

Ainda não completei vinte annos e já tenho soffrido tanto!

LACERDA.

Continue.

CLOTILEE.

O que lhe posso eu dizer, que o senhor já não saiba? Meu marido, ácerca de dous mezes, me abandona completamente por causa de uma cantôra que nem ao menos o ama. Elle não perde occasião de offender-me, elogiando em minha presença, quer a mulher, quer a artista. Nossos recursos, como o senhor sabe, eram pequenos. Com a paixão ou antes cegueira de Alfredo por essa mulher, que eu desprezo sem conhecer, entrou-nos em casa a necessidade e no curto espaço de dous mezes já a miseria nos ameaça com todo o grande cortejo de seus horrores.

LACERDA.

Mas se a senhora não tivesse sido tão pre-

cipitada, se não tivesse dado attenção ao que
appellidei capricho de coração de menina....

CLOTILDE.

Não, não era capricho de coração de menina.
Era então, como é hoje, uma paixão pura e
profunda.

LACERDA.

Que! a senhora ainda o ama como anterior-
mente?

CLOTILDE.

Amo-o mais ainda! A' medida que o vejo
descer na estima e consideração da sociedade,
quanto mais o vejo abandonado por aquelles
mesmos que antes o cercavam, meu amor
torna-se mais vehemente e capaz de maiores
sacrificios. E' esta, em minha opinião, a mais
bella missão da mulher!

LACERDA.

Involuntariamente. Entretanto, se a senhora tivesse
esperado, sua sorte poderia ser muito diversa,
porque pouco depois de contractado seu casa-
mento com o Sr. Alfredo de Barros, um homem,
que a amava com a maior dedicação, estava
livre dos laços que o prendiam e podia tel-a
desposado. Esse homem..... eu..... violentei
o meu amor, tentei matal-o, suppondo fazel-a

feliz: enganei-me! Cruel decepção! E agora
venho enconral-a desgraçada, mas unida a
outro!

CLOTILDE.

Sr. Lacerda, depois do que acaba de dizer,
comprehende o senhor que não póde conti-
nuar....

LACERDA.

Não conclua, D. Clotilde: sei tudo que me
poderia dizer. Amei-a com todas as forças de
minh'alma, mas não se arreceie de mim.
Meu amôr collocou-a em um pedestal muito
elevado, e lá minha honra ha conserval-a!
O que é o amôr de um homem por uma
mulher senão a abnegação completa de tudo?
Amar! Em que consiste a felicidade do homem
que ama, senão é, sacrificando até a propria
existencia, assegurar a ventura da mulher que
ama? E' assim, D. Clotilde, que eu compre-
hendo o amôr. Consiga eu, como ardente-
mente desejo, a rehabilitação de seu marido,
seja a senhora feliz, que o mais.... nada vale!

SCENA XII,

OS MESMOS E MARIANNA.

MARIANNA.

Vamos jantar.

CLOTILDE.

Abraçando Marianna. Proteja-me, minha mãe!

MARIANNA.

Ao que vem este pedido?

LACERDA.

Eu lhe explico, D. Marianna. Involuntariamente saíu-me do peito um segredo, que eu guardava com o maior cuidado. Commetti uma falta, mas não um crime. Disse a D. Clotilde que..... a tinha amado.

MARIANNA.

Não o sabia, mas quando o soubesse, continuaria a recebê-lo.

LACERDA.

Que! a senhora me receberia em sua intimidade?!

MARIANNA.

Sim, porque o senhor é um homem de bem. Não temas, Clotilde, que o Sr. Lacerda falte jamais ao respeito e consideração a que tens direito: elle é incapaz de trahir seus deveres.

LACERDA.

Muito obrigado, D. Marianna.

SCENA XIII.

OS MESMOS E BARROS.

BARROS.

Enfurece-se ao ver Lacerda. As senhoras tenham a bondade de retirar-se. Quero ficar a sós com o Sr. Lacerda.

CLOTILDE.

Mas, Alfredo...

BARROS.

Não admitto observações. Retirem-se!

LACERDA.

Vão, minhas senhoras; não temam cousa alguma: minha prudencia será tão grande como a dedicação que lhes consagro. Saem Clotilde e Marianna; Lacerda acompanha-as até a porta e volta.

SCENA XIV.

LACERDA E BARROS.

LACERDA.

Estou ás suas ordens, Sr. Barros.

BARROS.

São poucas as palavras que tenho de dirigir-

lhe. Sua presença me é insuportavel e por isso dou-lhe o conselho de evitar-me, principalmente n'esta casa.

LACERDA.

Quer isto dizer?

BARROS.

Que expressamente lhe prohibo de voltar aqui.

LACERDA.

Eu suppunha que esta casa era de minha amiga, a Sra. D. Marianna.

BARROS.

Seja ou não seja, não quero que o senhor volte cá!

LACERDA.

Não seja imprudente. O senhor sabe que, no acto de seu casamento, servi de pai á sua senhora. Tenho, portanto, o direito ou antes o dever de zelar por sua felicidade. E' o que pretendo fazer, é o que farei a despeito da vontade de quem quer que seja. E para começar, peço-lhe que me attenda.

BARROS.

O senhor tem intervindo de mais em minha

vida. Entre mim e Clotilde vejo-o sempre surgir e eu não quero que isto continue, comprehende?

LACERDA.

Não temo ameaças, Sr. Barros. Se algum de nós deve arreceiar-se do outro, não sou eu por certo.

BARROS.

Que devo dizer-lhe para o senhor entender de uma vez por todas, que não quero que haja nada de commum entre o senhor e minha familia? Quer que o chame de miseravel e infame? Quer que o lance pela porta fóra? Diga.

LACERDA.

Sr. Barros, ha homens que por natureza e por educação são cavalheiros e outros...

BARROS.

Acabel!

LACERDA.

Que são o que o senhor é! *Cahe o panno rapidamente*

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

A mesma decoração do terceiro acto.

SCENA I.

LACERDA E CLOTILDE.

LACERDA.

Temos conseguido alguma cousa, mas não tudo. Cumpre obter o resto, cumpre que seu marido se esqueça d'aquella mulher. A sua dedicação de todos os instantes, a humildade, desculpe o termo, com que a senhora se sujeita a todos os seus caprichos e imposições e a scena da hospedaria, onde foram presos todos os seus companheiros, fez com que o Sr. Alfredo de Barros. perdendo os mãos ha-

bitos adquiridos na sociedade de semelhantes homens, voltasse com ardor ao trabalho. E' um triumpho assignalado, mas temos ainda de conquistar o outro — aquelle que mais interessa ao seu coração.

CLOTILDE.

E como havemos de obtel-o?

LACERDA.

Não tem na senhora sua mãe e em mim dous auxiliares, cujo unico alvo e ambição é restituir-lhe a felicidade perdida e que juraram a si mesmos não descançar emquanto o não tiverem conseguido? Tranquillise-se, pois, que talvez não esteja longe o dia da senhora considerar-se venturosa.

CLOTILDE.

Quanto lhe devo, Sr. Lacerda, e quanto lhe deverei, se se realisarem seus prognosticos! Até hoje, tenho sido sua amiga, mas de então em diante, além de amiga, serei uma escrava.

LACERDA.

D. Clotilde!

CLOTILDE.

Hei de estimal-o e respeit-o tanto como á minha presada mãe, porque lhe deverei o amor

de meu marido, a felicidade de minha vida inteira. Ah! quando eu vir o meu Alfredo, inebriado de amor e de ternura, acariciar-me como outr'ora e lembrar-me que é obra sua... Ah! perdôe-me, Sr. Lacerda, o mal que involuntariamente lhe estou fazendo. Conheço toda a grandeza e generosidade de sua alma, mas sei que tudo n'este mundo tem limites. Perdôa-me?

LACERDA.

Nada tenho que perdoar-lhe, pobre martyr! Eu necessito expiar a paixão criminosa, que outr'ora tive e tudo que para isso concorrer, eu recebo como um beneficio do céu!

SCENA II.

OS MESMOS E MARIANNA.

LACERDA.

Então, D. Marianna, o que conseguiu?

MARIANNA.

Absolutamente nada! Aquella mulher é de pedra: não tem alma e nem coração! Pedi, roguei, mas embalde!

CLOTILDE.

De quê mulher falla, mamãe?

MARIANNA.

Ah! estavas ahí? Entrei tão fóra de mim, tão desvairada que nem te vi. Vai para dentro, minha filha, deixa-me com o Sr. Lacerda.

CLOTILDE.

Segredos comigo, mamã, quando suspeito que se trata de mim mesma?

MARIANNA.

Estás enganada. Vou fallar de negocios com o nosso amigo.

CLOTILDE.

Retiro-me, mamã, mas não leve a mal que eu lamente a pouca confiança que lhe mereço.
Sahé mas da porta ouve o dialogo da scena seguinte.

SCENA III.

MARIANNA E LACERDA.

LACERDA.

Conte-me tudo que se passou entre a senhora e a cantora.

MARIANNA.

Fui, como lhe disse, procurar a mulher que faz minha filha desgraçada. Recebeu-me com

arrogancia e depois de ter ouvido tudo que uma mãe póde dizer, advogando a causa de uma filha, rio-se e disse-me: «Eis uma scena que produziria muito effeito no theatro!» Corei de raiva e de indignação! Contive-me, porém, porque se tratava de Clotilde. Instei e de joelhos, de mãos postas, implorei-lhe piedade e compaixão. Uma nova risada e um novo sarcasmo foram sua resposta. Desanimada, com a cabeça perdida, amaldiçoando aquella mulher, ia eu sahir, quando ella disse-me com um cynismo e desfaçamento inqualificaveis: «Minha senhora, a paixão que tenho por seu genro é daquellas que terminam no momento que se quer. Conservo-o como amante, porque acho bonito receber um homem que por minha causa abandonou sua mulher e arruinou-se. Estou, porém, prompta a representar o papel, que a senhora me distribuiu, com tanto que....» E fez-me uma proposta que não posso acceitar. Comprehendê, meu amigo, todo o horror e desespero de minha posição?

LACERDA.

Qual foi a proposta?

MARIANNA.

Para que fallar n'ella, se não posso satisfazel-a?

LACERDA.

Diga sempre.

MARIANNA.

Pedio-me dinheiro: uma somma para mim exorbitante.

SCENA IV.

OS MESMOS E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Desculpem-me, se d'ali ouvi tudo. Obrigada, minha mãe! Que sacrificio, meu Deus! Como teve animo de rojar-se aos pés de uma creatura tão desprezível?

MARIANNA.

Tu farás o mesmo quando fores mãe.

LACERDA.

Até logo, minhas senhoras.

MARIANNA.

Onde vai, Sr. Lacerda?

LACERDA.

A' casa da cantôra. Sahe.

SCENA V.

MARIANNA E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Que homem é este, minha mãe?

MARIANNA.

E' um homem que se sacrifica.

CLOTILDE.

Meu Deus! fazei-o tão feliz como elle merece!

MARIANNA.

Elle feliz! Acaso pensas que possa haver felicidade, tendo-se no peito uma recordação dolorosa?

SCENA VI.

AS MESMAS E CARDOSO.

CARDOSO.

Tenho a honra de informar-me da preciosa saude das Exms. Sras. D. Marianna e D. Clotildezinha.

MARIANNA.

Vamos passando regularmente. Então que nos dá de novo?

CARDOSO.

Que seu genro tem feito grandes mudanças em seu procedimento. Ha cerca de quinze dias que vai assiduamente á repartição e seu chefe começa a distinguil-o. Já não é visto no meio de homens, cuja companhia lhe era tão nociva e prejudicial, e reconciliou-se commigo e com o Sr. Lacerda. Emfim tem melhorado consideravelmente. Pena é que lhe reste o peor de todos os defeitos — o amor por uma mulher que lhe não corresponde.

SCENA VII.

OS MESMOS E BARROS.

BARROS.

Boas tardes. Como passa, Sr. Cardoso?

CARDOSO.

Bem, e o senhor?

CLOTILDE.

Vieste hoje um pouco mais cedo, meu caro Alfredo.

BARROS.

Sim, porque vou jantar com um amigo que faz annos. Previno-a, pois, que não deve esperar-me, porque, receiando encommodal-a, tenciono ficar em casa d'esse amigo e então amanhã, antes de ir para a repartição, virei vel-a.

CLOTILDE.

Sabes perfeitamente que não me encommodas nunca. A qualquer hora que voltes, me acharás á tua espera alegre e satisfeita.

BARROS.

Já disse que não, e demais seu estado não supporta vigílias e incommodos.

CLOTILDE.

Mas se eu te digo que em logar de incommodo, é um prazer....

BARROS.

Quer ter a bondade de não teimar?

MARIANNA.

Não insistas, Clotilde. Alfredo tem razão. Teu estado, com effeito, reclama socego e repouso.

CLOTILDE.

Bem. Vou tirar-te roupa: queres?

BARROS.

Sim, mas note que tenho pressa.

CLOTILDE.

Acompanha-me, mamãe? SaheM Márianna e Clotilde.

SCENA VIII.

BARROS E CARDOSO.

CARDOSO.

Com ironia. Então vai jantar com um amigo que faz annos?

BARROS.

Assim é.

CARDOSO.

Ouvi dizer que a bella e interessante cantôra Adelaide reune hoje seus numerosissimos adoradores por ser o dia de seu anniversario natalicio: sabe se é certo?

BARROS.

E' uma provocação?

CARDOSO.

Não: é uma simples pergunta ou um gracejo.

BARROS.

De máo gosto, deve concordar.

CARDOSO.

Não tenho essa opinião. Meu caro Sr. Alfredo de Barros, cada vez mais me convenço de que o senhor não merecia a felicidade que lhe coube.

BARROS.

Sr. Cardoso!

CARDOSO.

Fallo-lhe com a autoridade do mais antigo amigo da familia de sua senhora e certo da impunidade, porque estou que o senhor, que já é *meio homem de bem*, não empregará violencia contra um velho que tem o máo costume de dizer a verdade.

BARROS.

Onde quer chegar?

CARDOSO.

Verá. Vou fazer-lhe uma confissão que deve sorprendel-o muito. Amei e amo D. Clotildezinha e não posso tolerar sua desventura.

BARROS.

Rindo-se. Felizmente o senhor não é um rival muito para temer.

CARDOSO.

Diz isso, porque sou velho? Ha outros que ainda o são muito mais do que eu, e que fazem brilhantissimas conquistas, ouviu? Mas vamos ao que importa. Se eu, por ser velho, não sou um rival que deva causar receios, não teme o senhor, que sua mulher bella, intelligente e espirituosa, como é, vendo-se abandonada inteiramente pelo senhor, attenda algum rapaz elegante, de elevada posição social, que procure insinuar-se em seu espirito?

BARROS.

Ah!

CARDOSO.

Ouçã o conselho de um rival amigo. Arripie carreira e volte a ser para D. Clotildezinha o que d'antes era.

BARROS.

Clotilde é uma moça de muito juizo e que comprehende bem seus deveres.

CARDOSO:

Fie-se na virgem e não corra!

SCENA IX.

OS MESMOS, MARIANNA E CLOTILDE.

CLOTILDE.

Está tudo prompto, Alfredo.

BARROS.

Bem.

CLOTILDE.

Queres que vá contigo?

BARROS.

Não, é inutil. Sahe Barros.

SCENA X.

OS MESMOS MENOS BARROS.

CLOTILDE.

Vou passar mais um dia sem elle. Quando terá isto fim, meu Deus?

CARDOSO.

Tenha paciencia, D. Clotildezinha. Dizem que, quando Deus tarda, vem no caminho.

MARIANNA.

Fé e esperanza, minha filha. Tenho a crença

de que ainda serás muito venturosa, na posse de toda a estima e amor de teu marido.

CLOTILDE.

Deus a ouça, minha querida mãe.

SCENA XI.

OS MESMOS E BARROS.

BARROS.

Com um pequeno embrulho. Adeos, Clotilde. A Marianna. Até amanhã. Sahe, Sr. Cardoso?

CARDOSO.

Não, fico fazendo companhia ás senhoras.

CLOTILDE.

O que é que levas ahi, Alfredo?

BARROS.

Com embaraço. E' um presente de annos que levo ao meu amigo.

CLOTILDE.

Deixa-me ver o teu bom gosto.

BARROS.

O mesmo. Não. Não quero que peque por curiosa. Até amanhã. Sahe.

SCENA XII.

OS MESMOS MENOS BARROS.

CLOTILDE.

O que conterà aquelle embrulho, que elle não me quiz mostrar?

CARDOSO.

Ah! a senhora não sabe? Naturalmente um bello e delicado mimo para a interessante cantôra que faz hoje annos.

MARIANNA.

Sr. Cardoso, não atormente esta desgraçada.

CLOTILDE.

E eu que acreditei que elle ia jantar com um amigo! Occulta o rosto entre as mãos.

MARIANNA.

O senhor podia ter-lhe poupado aquellas lagrimas.

CARDOSO.

Sou um desastrado! Faço sempre o contrario do que desejo. Acredite, Exma. Sra. D. Marianna que não tive a menor intenção de affligir D. Clotildezinha, que amo tanto e a quem desejo as maiores felicidades. Baixo. Fallei

com o Sr. Barros, dei-lhe uma lição mestra, despertando-lhe uma idéa... veremos o resultado.

SCENA XIII.

OS MESMOS E LACERDA.

MARIANNA.

Então, Sr. Lacerda, o que espera?

LACERDA.

Espero muito e receio ainda mais, porque ha pessoas com que se não pode contar. Estive com a cantôra, fallei-lhe.... Ah! D. Marianna, agora é que devidamente avalio o sacrificio que a senhora fez, entendendo-se com semelhante creatura. Só um amor de mãe e a dedicação de um... amigo são capazes de tão grande abnegação! Nunca imaginei que a mulher, a obra prima do Creador, podesse descer tão baixo! A indignação de que me possui, foi tão grande e vehemente, que quasi perde-se tudo. Violentei-me, minha senhora, fiz esforços inauditos; era questão de sua filha, de uma senhora que tanto estimo e... respeito. Fallei com a actriz longamente, escutei-a com uma paciencia evangelica, ouvi seus sarcasmos, sua linguagem desenvolta e cynica e por fim chegamos a um acordo. A esta hora o Sr. Al-

fredo de Barros deve ter recebido uma despedida solemne. A cantôra prometteu-me e ai d'ella se faltar!

CLOTILDE.

Obrigada, Sr. Lacerda, muito obrigada!

CARDOSO .

O senhor é um homem como não conheço outro.

MARIANNA.

Admiro-o e respeito-o cada vez mais. O senhor é o anjo da guarda de minha familia.

SCENA XIV.

OS MESMOS, BARROS E CARVALHO.

BARROS.

Fôra. Clotilde! Clotilde!

CLOTILDE.

Corre á porta e recebe-o nos braços. Meu Alfredo!

BARROS.

E' de joelhos, anjo querido, que devo pedir-te meu perdão.

CLOTILDE.

Não, é em meus braços. Lacerda Cardoso e Carvalho querem sahir e Barros oppõe-se.

BARROS.

Não saiam, fiquem. Quero, diante dos senhores, amigos sinceros e aos quaes tanto offendi e ultragei, diante de Carvalho, de cuja amisade eu fugia, porque me dava conselhos que me desagradavam, confessar-te Clotilde, todos os meus erros. Perdoar-me-has?

CLOTILDE.

Perdoar-te o que? Agradeço-te a felicidade que me restitues.

BARROS.

Tu não conheces toda a extensão de meus crimes. Por causa de uma mulher, que só hoje conheci, deixei-te cinco longos mezes entregue ás lagrimas e ao desespero, pobre martyr! Vivi durante todo esse tempo só para aquella mulher e quando hoje, ainda levado pela mais fatal das cegueiras, ia felicital-a por seu anniversario natalicio, fui despedido á porta!

CLOTILDE.

Basta, Alfredo; sei tudo.

BARROS.

Não sabes, não podes saber. Subi, e o logar que eu suppunha pertencer-me de direito, estava preenchido por outro. Ao ver-me, disse a miseravel: « Por aqui? esperava que nunca mais me apparecesse. »

CLOTILDE.

Basta: poupa-te esta confissão.

BARROS.

Não, não basta. Sinto que não haja aqui mais gente para presenciar meu arrependimento. Quando o crime é grande, a expiação o deve ser tambem. Pedi-lhe uma explicação... eu lhe perdoaria talvez, talvez a procurasse ainda, se ella tivesse sido guiada por um novo capricho, mas quando, com o desembaraço mais desfaçado, me disse qual o contracto que fizera com o Sr. Lacerda, nosso amigo e protector, operou-se em mim uma revolução completa e... (é mais um crime de que me accuso) ousei comparal-a comtigo. Então o amor que eu te dedicava, se me mostrou mais profundo e intenso ainda e vim correndo, cheio de esperanças e de temor, pedir-te um amor e uma felicidade de que me reconheço indigno.

CLOTILDE.

Obrigada, Alfredo; havemos de ser muito venturosos.

BARROS.

A Lacerda. Reconheço quanto lhe devemos eu e minha familia; para provar-lhe toda minha gratidão, convido-o para padrinho...

CLOTILDE.

Alfredo!

BARROS.

Ah! querias conservar em segredo? Não o sabia; desculpa-me.

CARVALHO.

Muito bem! Agora estão todos felizes!

LACERDA.

Apertando a mão a Marianna. Menos nós!

MARIANNA.

Sorprehendida e assustada. Ah! tinha sorprehendido meu segredo? Gesto affirmativo de Lacerda.

CLOTILDE.

Meu bom amigo, minha gratidão é profunda e sincera. Confie que um dia receberá o premio de suas virtudes.

LACERDA.

De quem o receberei, D. Clotilde?

CLOTILDE.

De Deus! Cahe o panno.

FIM DO QUARTO ACTO E DO DRAMA.

1811
1812
1813
1814
1815
1816
1817
1818
1819
1820

1821
1822
1823
1824
1825
1826
1827
1828
1829
1830

Smith
27-4-41

3



